Conto Conto Conto

CASA PARDA 23

Conto Conto Conto

Fazia muito calor naquele final de tarde ensolarada, e as plantas traziam as marcas de uma estiagem de mais de seis meses. O pouco verde que ainda restava em algumas folhas já não transmitia aquele incomparável bem-estar, e a vegetação toda se achava barrenta e sem vida. Algumas árvores menos resistentes haviam perdido toda a sua folhagem e se comparavam, ao longe, a um emaranhado de arame fincado no barro vermelho. Misturando-se a esse cenário e com a cor da estiagem, alguns humildes casebres feitos de madeira como que apenas para abrigar.

Entre eles se via um de alvenaria, construído com muito esmero e perfeição. Era o único que parecia ter sido feito a fim de que oferecesse algum conforto. Em torno dele, um pequeno jardim florido – um oásis –, no qual um senhor bastante idoso descansava, deitado em uma rede de lona que se amarrara por meio de dois pedaços de grossas cordas aos troncos de um abacateiro e de uma mangueira, que se dispunham de forma favorável. Ele tinha cerca de 85 anos. Era magro, bastante bronzeado, tinha cabelos e barba completamente brancos. Sua pele se apresentava muito seca e estorricada, denunciando décadas de trabalho ao ar livre, embaixo de sol. Enquanto descansava, sentia a brisa bater suavemente em seu rosto, umedecida pelos esguichos d'água feitos pela mangueira que regava as privilegiadas plantas do lugar, e ouvia o som dos pássaros que vinham banhar-se nas poças formadas em alguns pontos do jardim. Porém, um ruído de intensidade superior à daqueles feitos pelos pequenos pássaros visitantes deixou-o meio alerta. O velhinho aguardou novo ruído; que não ocorreu. Quando já havia retornado à tranqüilidade, ouviu um barulho. Este parecia ter vindo de dentro do casebre. O homem vivia sozinho naquela casa; seus filhos moravam longe, em outro estado, e sabia que não poderiam estar ali naquela hora. O velho senhor, então, não teve outra idéia; lançou mão de um ancinho que se encontrava encostado ao tronco da mangueira. O pobre homem, amedrontado, começou a caminhar em direção à porta de acesso ao interior do casebre, avistando de forma cada vez mais legível o número 23 pregado acima dela. Ele lembrava que a deixara destrancada e sabia que, enquanto descansava, poderia ter entrado alguém. Aproximou-se da porta segurando o ancinho já em posição de ataque e, quando finalmente a alcançou, respirou fundo e pareceu pedir rapidamente por proteção. Virando a maçaneta com uma das mãos, já empunhava a ferramenta na outra como que para arremessá-la de imediato. A porta, então, estava se movendo; ao passo que isso ocorria, os olhos já sem brilho do velhinho abriam-se de maneira anômala, comandados pela grande apreensão do momento. Quando a maçaneta encostou no outro lado da parede, finalmente se pode ver o que estava provocando aqueles ruídos amedrontadores. Era uma criança – um menino de uns dez anos, bem amorenado, muito franzino e mirrado, que tinha a sua pele marcada por várias e miúdas cicatrizes. Seu cabelo era opaco e sem corte; suas mãos estavam sujas, assim com todo o seu corpo. Seus olhos indicavam medo e ao mesmo tempo um enorme alívio. Este naturalmente era proveniente do desafogo, do saciamento mais urgente de suas necessidades fisiológicas, pois o menino se encontrava com um punhado de amendoins em uma das mãos e uma garrafa de água na outra. Ele tão-somente tentava matar a sede e a fome à pequena e velha geladeira e a um armário quase vazios que ocupavam um canto do casebre. O senhor, já completamente despreocupado e fitando aquele estranho menino, indagou com um tom de voz meio enrudecido:

– Você costuma entrar nas casas das pessoas para roubar comida?

– Não.

– Então por que você entrou na minha?

– Pelo mesmo motivo que te levou a abrir a porta armado com um ancinho – respondeu o menino com um olhar inesquecível, referindo-se ao por vezes incompreendido instinto de sobrevivência.

Márcia Regina Murça Barroso
Revisora da Assessoria de Comunicação Social–Ascom

Magistrados e servidores interessados em escrever para esta coluna devem contactar a Assessoria de Comunicação Social do TRE–